

As regiões vitivinícolas nacionais

Desde tempos imemoriais Portugal tem como tradição a cultura da Vinha e a produção de Vinho. Num país tão pequeno como o nosso, é notável a percentagem da superfície agrícola ocupada pela vinha, de Norte a Sul do País, bem como a diversidade de vinhos por nós produzidos. Se aos vinhos produzidos em Portugal continental adicionarmos os vinhos insulares, poderemos afirmar que detemos um património vitivinícola não só singular, como a todos os títulos único à escala mundial.

Não é novidade referir-se a origem Pombalina à Região Duriense, atribuindo-lhe o galardão da mais antiga Região Demarcada do mundo. No entanto, para além desta, temos várias outras Regiões demarcadas com mais de um século de existência, como é o caso de Colares, Bucelas, Carcavelos e o Dão. Mais recentes, desde o final dos anos oitenta até ao presente, outras Regiões Demarcadas se seguram, como é o caso dos Vinhos Verdes, Bairrada, Ribatejo, Estremadura, Palmela, Alentejo e Algarve.

Se falarmos de vinhos ditos Generosos, caracterizados por um elevado teor alcoólico, geralmente associado também a um elevado nível de açúcares residuais, a região Duriense implanta-se pelo Vinho do Porto, que há muito tempo ultrapassou fronteiras e se impôs em todo o mundo. É, como sabemos, alvo de imitações em vários pontos do mundo. Outros vinhos generosos são no entanto dignos de referência para além do Porto. É o caso do Madeira, Carcavelos, Moscatel de Setúbal, o Verdelho do Pico e dos Biscoitos na Terceira e também o Abafado de Fernão Pires do Ribatejo.

Abordando agora os ditos "vinhos de mesa", se o Dão conheceu a sua maior notoriedade em meados do século passado, sofreu alguma perda de vendas a partir dos anos setenta. Felizmente, na última década voltou a impor-se.

Assiste-se, muito recentemente, ao nascimento do Algarve para o vinho, onde a tradição, para além de Lagoa, era mais conotada com a produção de uva de mesa.

Os vinhos verdes e o Alentejo, Regiões de maior divulgação actual, continuam a impor-se pela sua qualidade e agressividade nos mercados alvo.

O Douro cresce significativamente na última década e impõe-se pelo elevado padrão qualitativo, especialmente os vinhos do Douro Superior. A Bairrada não acompanha este ritmo e deixa-se ultrapassar por outras Regiões, até à data menos conhecidas, como é o caso da Península de Setúbal, da Estremadura, recentemente designada Lisboa, e do Ribatejo, que adoptou a designação Tejo. Estas três últimas Regiões têm tido nos últimos anos um desempenho notável, quer pela evolução qualitativa dos seus vinhos, quer pela estratégia de marketing e vendas dos seus Agentes Económicos e organismos coordenadores.

Dentre estas, uma referencia especial Região do Tejo, que em 2010 viu um dos seus vinhos ser galardoado em concurso internacional como o melhor Rosé do Mundo, e outro, tinto, ser reconhecido como o melhor vinho de Portugal.

Se no mercado nacional se assiste genericamente a uma estagnação de vendas, com casos pontuais de subida, como as Regiões do Tejo, Lisboa e Península de Setúbal, já ao nível das exportações o cenário é diferente e os vinhos portugueses começam a impor-se, pela sua qualidade, preço e estratégia comercial e marketing. Nalguns mercados, como é o caso da Suécia, os vinhos portugueses, especialmente das Regiões de Lisboa e do Tejo, conseguiram já uma implantação significativa.

Esperemos que 2011 permita, mais uma vez, aos Vinhos Portugueses de todas as Regiões imporem-se a quem e além fronteiras. ■



♦ José Pinto Gaspar, Presidente da CVR Tejo

Num País tão pequeno como o nosso, é notável a percentagem da superfície agrícola ocupada pela vinha



Opinião

José Pinto Gaspar,
Presidente da CVR Tejo